

Paraísos Perdidos e Reconstruídos

**Avessos e direitos na construção mítico-utópica do espaço
paradisíaco no romance *Paraíso* de Toni Morrison**

Prof^a. Ms. e Doutoranda Brenda Carlos de Andrade (UFCEG-UFPE)¹

Resumo:

Este artigo analisa a obra *Paraíso*, de Toni Morrison, em comparação com o texto bíblico do Êxodo. A utilização de história bíblica pelos afro-americanos como um elemento simbólico de releitura do seu próprio episódio de diáspora resurge na obra de Morrison como elemento distanciado que evidencia tanto uma releitura da configuração dos grupos de Puritanos que chegaram à América como a releitura feita pelos escravos. No entanto, ao fazê-lo, a autora aponta para a impossibilidade de construção desses paraísos para ambos os grupos.

Palavras-chave: Paraíso, utopia, diáspora

Abstract:

This essay analyzes the Toni Morrison's novel *Paradise* in comparing it with the Exodus biblical text. The appropriation of this biblical story by Afro-Americans as a symbolic element of their own diasporic experience emerges in Morrison's novel as a distant element that highlights the appropriation of the myth by the Puritans that first arrived in America as well as the appropriation by the slaves. However, in so doing, the author points out the impossibility of these paradise for both these groups.

Key words: Paradise, utopia, diaspora

Preâmbulo

A Diáspora Africana, como ficou conhecida a dispersão africana, sobretudo pelo continente americano, está marcada por uma série de fatores que incluem unidades de raízes e apropriação de valores de outros. Durante quase quatro séculos o Atlântico testemunhou o transporte e a dispersão de milhões de africanos devido ao tráfico negreiro. Proveniente de diferentes tribos, e, no entanto, incluídos num grupo comum denominado simplesmente de africanos, num novo continente, eles tiveram que construir um solo comum distante das antigas

tradições. Elementos de várias culturas foram retomados para construir uma história comum da experiência diaspórica e que retomasse um passado muitas vezes recriado. Dentro dessas narrativas e influências, uma das mais relevantes foi a do Êxodo. Através dela, aqueles que depois se convencionou chamar afro-americanos se viram espelhados, podendo reconstruir identidades e projetar esperanças no futuro. O potencial dessa narrativa bíblica residia (reside) não só no fato da possível convergência entre as viagens e os sofrimentos, mas principalmente antevia (antevê) perspectivas futuras, soluções e recompensas: o paraíso prometido. Algo que chama a atenção, no caso norte-americano, é como a história do Êxodo passa a ser *leitmotiv* tanto para os protestantes ingleses que chegaram à América, como, posteriormente, para os povos africanos trazidos como escravos.

Deambulações

Construções paradisíacas parecem ter sempre habitado a imaginação humana. Se é bem verdade que essas construções fazem parte da história da humanidade, ainda é mais quando se trata da história da América como um todo: esse continente foi construído sob o signo da promessa paradisíaca, promessa que acabou por se constituir como memória e projeto para a construção das diversas imagens que se forjarão no continente. As imagens que se avolumaram na Idade Média de paraísos celestes e terrenos, incluída neste último uma das grandes lendas da época o reino do Preste João, ganham força de verdade com a descoberta do Novo Mundo/América. O território novo com suas variedades naturais cria, aos olhos de uma sociedade que começava a se ver como corrompida, um espaço límpido para recomeçar e uma possibilidade concreta de ter acesso ao Paraíso. Contemporaneamente, tornou-se impossível não compreender a experiência americana a partir da formação de um imaginário que remete sempre a esse desejo, no entanto, faz-se necessário notar que a apropriação desses mitos por diferentes comunidades e diferentes nações levou a resultados distintos.

O Paraíso vislumbrado no Caribe ou no Brasil é, muitas vezes, fruto de uma exuberância da natureza sedutora, é um paraíso *a priori*, já pronto e construído. Independente de tal fato condizer ou não com a realidade, é essa percepção que parece transpassar ao longo dos séculos. Já a América vista pelos primeiros puritanos destoa um pouco, ou mesmo muito, dessa realidade paradisíaca *a priori*, é um espaço selvagem que precisa ser construído. O Paraíso passa, nesse caso, a ser moldado em diálogo direto com o Velho Testamento, especificamente com o livro do Êxodo, quando o povo escolhido, o povo de Deus, após fugir do Egito, passa quarenta anos isolado no deserto. O paralelo entre o povo de Israel e os Puritanos se torna óbvio e proveitoso para esses puritanos.

...since the days of Tyndale, English Protestants had drawn a parallel between England and ancient Israel. Now, in the migration to New England, Puritans found that parallel even more compelling. Centuries earlier, for example, God had led the Jews out of Egypt, through the Red Sea, and into the Promised Land. Now God led the Puritans out of England, across the Atlantic Ocean, and into another promised land. The Puritans made the most of this comparison. In the Puritan imagination, England became Egypt, the Atlantic Ocean became the Red Sea, the America wilderness became their own land of Canaan, and the Puritans themselves became the new Israel². (HUGHES, 2003, p. 30)

As adversidades, tanto na Canaã bíblica quanto na Canaã ‘reconstruída’ pelos puritanos, são como um teste divino pelo qual eles terminarão passando incólumes só para provar e aumentar a glória de Deus. O pacto forjado com Deus, ou melhor, nos termos da Bíblia, a Aliança é que vai marcar as primeiras gerações de colonizadores desse lugar que mais tarde virá a se chamar Estados Unidos. A consciência dessa aliança e dos sacrifícios que ela implica bem como a tentativa de restaurar os modelos cristãos antigos, ou melhor dizendo os rituais dos primeiros cristãos, termina por moldar os primeiros mitos fundadores norte-americanos: o mito da nação escolhida (*chosen nation*) e o mito da nação natural (*nature's nation*).

Na obra *Myths America Lives By*, Richard Hughes faz uma pequena reconstrução histórica e análises sobre os mitos que formaram e moldaram o caráter norte-americano de acordo com o período histórico de seu surgimento e predominância. Hughes argumenta que tais construções ideológico-imaginárias tomam um desenvolvimento ‘x’ ou ‘y’ de forma que a visão de um desses mitos costuma englobar a dos mitos anteriores que haviam se difundido antes dele. Assim exposto, é possível pensar quase todos os mitos apontados pelo autor como um grande bloco sustentado pelo pilar do mito da nação escolhida, ou do povo escolhido, a partir desses os outros emanam e se reforçam. A idéia da aliança estabelecida com Deus perpassada por esse mito torna-se importante, pois começa a deixar transparecer os indícios que irão justificar o caráter imperialista dos Estados Unidos. Uma mudança sutil, porém, interessante é quando a expressão “povo escolhido por Deus” torna-se somente “povo escolhido”. Embora o restante da expressão, “por Deus”, esteja subentendida, essa pequena nuance passa o problema do campo religioso para o terreno do direito ou das leis naturais. Ainda que por trás desse natural esteja uma força divina, ela não precisa ser necessariamente interpretada como o Deus católico, terminado por ser assimilada como uma força transcendente origem da vida e passível de ser associada com as mais diversas religiões ou crenças.

Essa naturalidade transcendente de uma força superior, divina ou mesmo de um deus definido, é que vai caracterizar o segundo mito acima mencionado: o mito da nação natural, que reforçará a idéia, já subentendida no primeiro mito, de um privilégio concedido ao povo norte-

americano. Seria uma organização quase sagrada intocada pela mão humana validada tanto por uma lei natural como por uma lei divina. Ambas leis vão determinar um espaço atemporal distanciado da ordem lógica da sociedade determinada pela história, pela cultura e pela tradição. Um espaço que se caracteriza ao mesmo tempo por ser o princípio e o fim, ou seja, ao mesmo tempo que remonta uma existência primeva, aponta para um futuro em que tudo já se realizou, tudo foi alcançado e o tempo dos encontra-se terminado.

O romance de Toni Morrison, *Paraíso*, constrói um diálogo aberto com esses mitos fundadores norte-americanos, diálogo esse que se desenvolve sob duas camadas, revendo ao mesmo tempo a tradução dos eventos bíblicos para os Estados Unidos e os próprios eventos bíblicos, especialmente, como já foi mencionado, com o livro do Êxodo. Divido em nove capítulos, todos nomeados a partir de personagens femininas da obra, o romance recria uma alegoria dos êxodos, tanto aquele com letra maiúscula, que se refere à fuga dos judeus do Egito, quanto aquele vivido pelos peregrinos que vieram colonizar a América reencenando a passagem da Bíblia de forma a transformá-la no material constitutivo do imaginário nacional norte-americano. No entanto, como afirma Bhabha, a repetição nunca chega a ser exatamente o original e a mímica do ato sempre termina por acrescentar-lhe novos significados. Ao reconstruir uma réplica alegórica da formação norte-americana, Toni Morrison revive a história a partir de um grupo composto por ex-escravos que são expulsos de todos os lugares e para os quais se negam as mínimas condições de vida, se utilizando assim de uma das formas sob a qual esses escravos e ex-escravos passaram a se ver como coletividade.

As famílias que compõem essa comunidade negra passam por dois êxodos (o que vai dividir as personagens organizadoras desses movimentos em novos e velhos patriarcas), sendo o primeiro aquele que gera o material mítico fundador evocado pelas imagens da memória. Nesse primeiro momento, encontrar-se-ão as bases que sugerem uma aliança com Deus. Tal qual os israelitas na passagem escrita por Moisés, uma aparição de Deus os guia ao longo do caminho até o lugar prometido, a terra onde devem se instalar, um espaço desértico. A passagem a seguir ilustra bem essa aliança com Deus:

Na terceira noite, Big Papa acordou seu filho, Rector, e fez com que se levantasse. Pesadamente apoiado em dois paus, afastou-se do acampamento e sussurrou: 'Venha comigo, você'. (...) Mas Big Papa o levou para o fundo do bosque de pinheiros, onde o cheiro da resina, agradável de início, logo lhe deu dor de cabeça. (...) Big Papa parou e com um esforço gemido ajoelhou-se. 'Meu Pai', disse. 'É Zechariah aqui.' Depois de alguns segundos de silêncio total, começou a murmurar os sons mais doces e tristes que Rector jamais tinha escutado. (...) Foi então que ouviu os passos, altos como de gigantes. Big Papa, que não tinha mexido um músculo nem interrompido a canção, logo se calou. Rector sentou-se e olhou em torno. Os passos trovejavam, mas não conseguia dizer de que lado vinham. Quando a luz do céu se expandiu, conseguiu

enxergar as silhuetas dos troncos. (...) Os dois viram o homem ao mesmo tempo. Era baixo, aparentemente baixo demais para o ruído dos passos. (...) Quando todo mundo levantou, Rector levou todos para o ponto onde ele e Big Papa tinham passado a noite. Eles o encontraram ali mesmo, de pé, mais ereto que os pinheiros, as bengalas jogadas de lado, de costas para o sol nascente. Não havia nenhum andarilho à vista, mas a paz que lavava o rosto de Zechariah se expandiu pelo espírito de todos e acalmou-os. ‘Ele está entre nós’, disse Zechariah. ‘Ele mostra o caminho.’ (MORRISON, 1998, pp. 114-116)

Esse começo místico, que precede a fundação da primeira cidade, Haven, vai moldar o caráter dessa comunidade, afinal Deus aparece para Zechariah guiá-los no seu caminho, tal qual Ele havia aparecido para Moisés para guiar os israelitas. Chamam a atenção os trovões que acompanham o andarilho/Deus, pois são eles também que indicam para o povo quando o Senhor desceu no monte Sinai para ditar os dez mandamentos. “Ao terceiro dia pela manhã houve trovões e relâmpagos, nuvens carregadas cobrindo a montanha e um fortíssimo som de trombetas. (...) Todo monte Sinai fumegava, pois o SENHOR havia descido sobre ele em meio ao fogo.” A crença na comunidade enquanto bendita ou escolhida para receber os favores de Deus começa, no imaginário das personagens da obra, a partir desse momento. Afinal, segundo citação da própria Bíblia, “se Deus é por nós quem será contra nós”? O paralelo entre passagem bíblica, constituição do mito do povo escolhido para sociedade norte-americana e a obra delinea-se claramente. O que inicialmente surge como uma história de fundação, vai se remodelar e transformar-se em dogma. Já em Ruby, segunda cidade, formada pelos filhos daqueles que participaram do primeiro êxodo, essa interferência divina vai servir de justificativa para um isolamento da comunidade que passa a ver todo aquele que é de fora como um elemento estranho portador de pecado e não marcada pelo privilégio de pertencer àqueles que foram ajudados e tocados por Deus.

É interessante notar quanto a esse isolamento que, embora ele não se concretize perfeitamente no plano real, tende a um isolamento temporal e espacial. Ou seja, mesmo Ruby estando concretamente (diga-se de passagem, concretamente no espaço ficcional) localizada no Oeste americano durante entre as décadas de 1950 e 1970, a organização da cidade aspira a uma ordem inicial/final, um estado de organização que representa ao mesmo tempo o princípio, uma era em que a comunhão com Deus ainda não havia sido corrompida, e o fim ou estágio final da sociedade, caracterizado por um fim do tempo dos homens. A concepção linear de história do Ocidente parece remeter a essa idéia de fim dos tempos com um ponto inicial, bem ou mal delimitado, que remete a uma linha evolutiva, de um progresso que levará a sociedade a seu ápice, que pode ser considerado uma espécie de fim, e a instauração de um tempo divino, transcendental. Observem-se as passagens a seguir:

‘Este tempo é de Deus’, ele respondeu. ‘Ninguém pode começar e ninguém pode terminar. E mais uma coisa: Ele não vai fazer o trabalho de ninguém; portanto, andem com vontade.’ (MORRISON, 1998, p. 116)

Because the American founders grounded the American experiment in their vision of Nature and Nature’s God,’ it was easy to imagine that the United States simply reflected the way God himself intended things to be from the beginning of the world. In other words, the American system was not spun out of someone’s imagination or contrived by human wit. Instead, it was based on natural order, built into the world by God himself.³ (HUGHES, 2003, p. 56)

O que se deduz tanto do excerto do romance de Morrison como da análise de Hughes da sociedade norte-americana a partir de sua fundação é que, a partir do momento em que essas comunidades finalmente se acreditaram o povo escolhido por Deus, elas se excluíram da linha temporal dos homens, se colocando cronotopicamente além e aquém da organização humana. Apresentam-se, então, como o princípio e o fim, pois o tempo de Deus foi e voltará a ser, sendo o dos homens apenas um intervalo concedido pelo Senhor a sua criação.

Um aspecto salta aos olhos ao longo do romance, em consequência do pacto com Deus, é a anulação da morte no espaço físico da cidade, como se o tempo divino realmente regesse as engrenagens daqueles homens e mulheres.

Posso também lhe contar que, a não ser por você e pela mãe de K.D., ninguém nunca morreu em Ruby. Por favor, noto que eu disse em Ruby, e que eles têm muito orgulho disso, achando que são abençoados e tudo, porque desde 1953 quem morreu, morreu na Europa ou na Coréia, ou em algum outro lugar fora dessa cidade. (...) A morte estaria proibida em Ruby? (MORRISON, 1998, p. 231)

Outro detalhe interessante nessa noção de tempo paralelo, ou talvez um *arquitempo* e nesse caso em análise podendo-se chamar mesmo de “tempo de Deus” já que a relação com a religião é profunda e direta, o detalhe, então, é a semelhança com os diversos projetos utópicos elaborados por intelectuais, principalmente durante a Renascença. Obras como **Utopia**, de Morus, **A Cidade do Sol**, de Campanella, e **La Città Felice**, de Francesco Patrizzi, trazem essa mesma noção de isolamento temporal. O tempo das utopias é também esse tempo de fim e princípio, que prevê uma espécie de fim da evolução e, concomitantemente, do princípio de uma ordem natural quando homem ainda vivia em harmonia com a comunidade e com o que lhe cercava. Essa relação abre uma fenda para se pensar a construção dos Estados Unidos como um projeto utópico de fundamentos religiosos. Aliás, retomando os primeiros parágrafos, pode-se pensar toda construção da América baseada num ideal utópico, uma vez que o paraíso terreal, idéia sob a qual se moldou o imaginário e as sociedades das Américas, é uma utopia *par excellence*; uma utopia de fundamentos religiosos, mas uma utopia.

Um segundo elemento interessante ao pensar essa correlação com os projetos utópicos é noção de liberdade, pois essas sociedades imaginadas, voltadas para o bem comum, tendem a anular a vontade individual em prol do coletivo. Essa organização fechada voltada para a coletividade estabelece-se primeiro em Haven e, posteriormente, em Ruby: “Nada negaram a sua própria gente, não se curvaram a ninguém, só se ajoelharam diante do Criador.” (Morrison, 1998, p. 118) A estrutura, entretanto, aparentemente, perfeita começa a ruir quando interesses individuais e vozes dissonantes e em desacordo com o discurso oficial se sobressaem e começam a escapar pelas pequenas e ínfimas rachaduras que despontavam nas construções da cidade. “A não ser por uma falha aqui, uma rachadura ali, tudo em Ruby estava intacto.” (Morrison, 1998, p. 132) Aquilo que o tempo não havia logrado alcançar na arquitetura, o confronto com o diferente e com os desejos individuais vai conseguir: minar a crença na unidade e no pacto com Deus.

A discussão em torno da inscrição do Forno, o utensílio-altar, marca a diferença da visão de mundo, principalmente com relação à religião. Pode-se, inclusive, traçar um paralelo entre uma transição do Velho para o Novo Testamento, já que é bem marcada a diferença do caráter de Deus nesses dois documentos. No primeiro, ele aparece como uma entidade raivosa, irada, voluntariosa e vingativa porque ele escolheu o povo israelita não se sabe, o que se sabe é que ele era temido: “O povo temeu ao Senhor e teve fé no Senhor e em Moisés, seu servo.” (Êxodo, 1999, p. 74) Fé e temor se alimentam numa mesma raiz. Já o Deus que aparece no Novo Testamento, O que é pregado por Jesus Cristo, é misericordioso e amoroso. A diferença, então, entre “Temei a ruga de Sua testa” e “Sede a ruga de Sua testa” caracterizaria pela maneira como se estabelece a relação com Deus e com a religião; a diferença de estar entre os escolhidos e obedecer cegamente aos princípios “superiores” e se ver integrado como parte da criação em como tal contendo parte divina.

A estrutura bem organizada de Ruby, ainda que percebida como favorecida por Deus, parece surgir como uma negação do Paraíso. O excesso de controle provindo de um autoritarismo justificado por uma ordem divina começa a sufocar as personagens, que por sua vez começam a tentar desarticular essa ordem que as está destruindo ou impedindo de ser. O descontentamento marca a incapacidade de essa estrutura servir como modelo de paraíso. No entanto, como em toda sua obra que tende a trazer a pluralidade de vozes, Morrison constrói *Paraíso* a partir de um contraponto, não necessariamente oposto, mas que indica uma lógica distinta da que impera em Ruby: o Convento. Na verdade, os dois espaços são construídos e apresentados alternadamente a partir da circulação ou do movimento que se estabelece entre os dois pontos. A caracterização do Convento parece em tudo diferir da cidadezinha, sendo descrito como espaço feminino composto pela mistura racial e regido por uma liberdade quase obscena

de tão grande. Inicialmente uma escola católica para meninas índias, o Convento se torna, com a morte da madre superiora, última representante da ordem religiosa, um lugar de refugiados, os quais, a sua forma e individualmente, viveram seus pequenos êxodos.

O Convento traz em si dois lados: é um espaço de distensão, se comparado com Ruby ou mesmo com o resto da sociedade, mas também se transforma num espaço de desarmonia para suas habitantes. Consolata, a única remanescente dos tempos do colégio para meninas índias, vive alcoolizada porque não suporta a realidade da morte da madre superiora nem consegue agüentar a presença e desorganização das outras habitantes. Mavis e Gigi se odeiam. Seneca concorda com todo mundo, o que é uma maneira de não se sentir à vontade com ninguém. E Pallas se acredita diferente por vir de outra classe social. Reina uma desordem constante, tanto nas relações como no espaço físico, que não pode deixar de ser relacionada com a desordem e a desarmonia interior dessas mulheres. Alquebradas pela sociedade, a falta de estrutura torna-se uma maneira de revidar, de ser no mundo de forma a confrontá-lo, que acaba levando à perda do controle até Consolata receber o chamado. Inicia-se, assim, o que se pode chamar de processo de purificação, ou mesmo de reorganização interior, dessas mulheres.

É importante perceber que tanto o Convento como Ruby representam idealizações de paraísos, que ao longo do romance vão demonstrar seus direitos e avessos, voltadas para dois centros de organizações diferentes. Um, observando a ordem do coletivo, transforma a comunidade na célula mínima, pensar abaixo disso é corromper a estrutura, nesse caso ditada por Deus. Nesse modelo, a liberdade não é concebida como forma de expressão individual, mas como um “bem a ser conquistado” fruto de um trabalho árduo e coletivo, pois, se um deixa de cumprir com a sua parte, corrompe-se a sociedade e abrem-se fendas para sua desintegração. O outro centro volta-se para o indivíduo, o Convento, um lugar seguro, mas de passagem, que as habitantes acreditavam não precisar de nenhum investimento emocional. O que torna esse espaço uma experiência de paraíso individual não é um egoísmo intrínseco, mas um exercício da liberdade sem preocupação com o coletivo. Se cada uma fazia o que queria, na hora que queria, como queria, de que forma sobreviveria o espaço coletivo, físico mesmo, em que vivem? Tal qual os falanstérios de Fourier, onde cada um fazia o que lhe desse prazer, a convivência no Convento seria uma experiência fadada à autodestruição.

A tomada simbólica da narrativa bíblica falha, tanto para os puritanos, como para os afro-americanos. A comunidade representada pelo movimento do Êxodo parece pulsar de uma unidade sufocante incapaz de dar conta de anseios individuais, mas seu contrário, o Convento, também aponta para uma impossibilidade. O que seria o Paraíso, então? A estrutura opressora que obriga a uma convivência e aglutinação, às vezes, desagradável? Ou uma liberdade total como

no Convento, onde nenhum ou quase nenhum preceito de coletividade é respeitado? Talvez nem avessos, nem direitos dessas representações extremas do individual e do coletivo, ambas trazem os germes de discursos que se potencializam com o extremo levando a interpretações e (re)interpretações de mitos que transformados através dos tempos chegam a ser perigosos. Um certo nível de resposta parece se delinear no final do romance, que se inicia com a purificação das mulheres e termina com a possível morte delas e a primeira morte ocorrida no território de Ruby.

Referências

BHABHA, Homi. **O Local da Cultura**. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

ÊXODO. Rio de Janeiro: Objetiva, 1999.

HUGHES, Richard. **Myths America Lives By**. Urbana, Chicago: University of Illinois Press, 2003.

MORRISON, Toni. **Paraíso**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

¹ **Brenda Carlos de ANDRADE, Prof^a. Ms. e Doutoranda pela UFPE**

Universidade Federal de Campina Grande.

Unidade Acadêmica de Letras.

Universidade Federal de Pernambuco.

Programa de Pós-Graduação em Letras.

brenda.carlosdeandrade@gmail.com

² Desde os tempos de Tyndale, os protestantes ingleses haviam estabelecido um paralelo entre a Inglaterra e a antiga Israel. Agora, com a migração para a Nova Inglaterra, os Puritanos acharam esse paralelo ainda mais persuasivo. Em séculos anteriores, por exemplo, Deus havia guiado os judeus para longe do Egito, através do Mar Vermelho para a Terra Prometida. Agora Deus guiava os Puritanos para longe da Inglaterra, através do Oceano Atlântico para uma outra Terra Prometida. Os Puritanos aproveitaram ao máximo essa comparação. Na imaginação puritana, a Inglaterra se tornou o Egito, o Oceano Atlântico se tornou o Mar Vermelho, o deserto americano se tornou sua própria Canaã e os Puritanos se tornaram eles mesmos a nova Israel.

³ Porque os fundadores americanos basearam a experiência americana na sua visão de Natureza e Natureza de Deus, era fácil imaginar que os Estados Unidos simplesmente refletiam a maneira como Deus mesmo pretendia que as coisas fossem desde o começo do mundo. Em outras palavras, o sistema americano não havia sido tirado da imaginação de alguém ou maquinado pela sagacidade humana. No lugar disso, era baseado numa ordem natural, trazido ao mundo pelo próprio Deus.